

# Abraçado ao meu rancor: João Antônio é leitor de Lima Barreto

Vão lamber sabão ou, não tendo mais o que fazer, vão dar um pouco a bunda! Canalhocratas, cachorrada consentida. [...] Seus paíbas, suas marias-judias. [...] Vocês não prestam. Sua caras balofas e modais refletem um ofício porco que esquece povo, gente, cidade, tudo[...]

João Antônio

## RESUMO

Propõe-se uma análise do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto, originalmente publicado em 1909, e do texto “Abraçado ao meu rancor” (1986), de João Antônio. Salientam-se diferenças e semelhanças entre a produção de ambos os escritores atentando-se, principalmente, para a relação entre jornalismo e literatura. A partir da reiterada admiração de João Antônio por Lima Barreto, verifica-se a proximidade entre as duas produções publicadas em épocas e contextos históricos diferentes, mas que possuem elementos que permitem refletir sobre o jornalismo brasileiro atual.

## PALAVRAS-CHAVE

- literatura brasileira
- João Antônio
- Lima Barreto

## ABSTRACT

*This is an analysis of the romance Recordações do escrivão Isaías Caminha, by Lima Barreto, originally published in 1909, and the text “Abraçado ao meu rancor” (1986), by João Antônio. Differences and similarities between the production of both writers are prominent, mainly the journalism-literature relationship. From the continued admiration of João Antônio for Lima Barreto, one verifies the proximity between the two productions published in different times and historical contexts, although they possess elements that allow them to reflect about the current Brazilian journalism.*

## KEY WORDS

- Brazilian Literature
- João Antônio
- Lima Barreto

**Clara Ávila Ornellas**  
USP (FAPESP)

**A** razão de selecionar o texto “Abraçado ao meu rancor” (1986) para verificar possíveis elementos do diálogo de João Antônio enquanto leitor de Lima Barreto justifica-se pelo fato de ser uma produção em que se podem verificar algumas correlações temáticas e formais entre a escrita de ambos os autores. Essa narrativa tematiza um narrador-protagonista não nomeado, mas predicado como jornalista, que realiza uma trajetória pelo centro da cidade de São Paulo refletindo sobre sua condição social, a degradação do espaço citadino, a miséria humana e social, o turismo enganoso das campanhas publicitárias, a marginalização espacial dos imigrantes urbanos, a imprensa entre outros aspectos. Narrado em primeira pessoa, incorporando a forma de monólogo justaposta ao discurso indireto livre, o texto tem sua duração temporal circunscrita a um dia. Há várias inter-relações espaciais coexistindo ao mesmo tempo: a redação dos jornais, o centro da cidade, o trem de subúrbio, Morro da Geada e outros.

Uma das principais características que se sobressai nessa narrativa é o embate entre o tormento íntimo e a realidade. O protagonista, abraçado ao seu rancor, realiza profundo percurso em si próprio ao deambular pelas ruas da cidade, mirando encontrar aspectos da cidade de sua juventude para assim reaver sua identidade enquanto indivíduo na sociedade que lhe é hostil. Ao não reaver a cidade de sua infância e juventude, em razão do desenvolvimento espacial e das degradações urbana, social e humana, o narrador reflete sobre a sua condição de marginalizado social enquanto jovem e, no presente da narrativa, pertencer à classe média. Esse último padrão social o atormenta por compreender que para ascender profissionalmente, enquanto repórter, foi-lhe necessário esquecer ou sobrepujar os valores humanos vivenciados durante o período anterior ao seu atual *status* social.

Uma das questões mais atacadas por esse narrador-protagonista é a condição enganosa com a qual se é obrigado a conviver quando se é jornalista. Por exemplo, a sua vinda para São Paulo é motivada pelo seu editor, que lhe determina a cobertura do lançamento de uma campanha publicitária sobre os atrativos turísticos que a capital paulistana oferece. O personagem reflete sobre a *mise en scène* da coletiva de imprensa em que pesa sobremaneira a necessidade de um comportamento adequado para corresponder ao que se espera de um jornalista competente aos olhos da sociedade. Essas exigências abordam desde o vestuário adequado até às palavras corretas a ser empregadas entre os pares jornalistas. Tal perspectiva faz o protagonista sentir-se oprimido por não entender como aceitou compactuar com essa situação

artificial durante tantos anos de sua atuação profissional.

Além disso, observam-se os folhetos de campanha publicitária exercendo o papel de fomentadores de suas reflexões e conseqüentes contraposições entre a cidade idealizada pela campanha publicitária e a cidade periférica. Esta última, constantemente negligenciada pelo poder público, tem em seus sobreviventes o retrato da submissão social e da miséria que lhes negam o direito de cidadania. Oprimido pela sua consciência sobre suas questões íntimas e a realidade hostil da cidade, o personagem não consegue obter nenhum paliativo para os seus sofrimentos. Ele só pode contar com o abraço do rancor.

“Abraçado ao meu rancor” representa um dos momentos verticais para o entendimento da apreensão de João Antônio enquanto leitor de Lima Barreto. Entende-se que, neste texto, manifesta-se de maneira direta e, paradoxalmente, de maneira mais ainda indireta, o pensamento de Lima Barreto apresentando-se como viés fundamental nessa composição artística. Um dos fatores comprobatórios dessa afirmação é o fato de que nesta narrativa há uma ampla e profunda crítica à imprensa brasileira. Esse posicionamento irônico, fundamentado em uma linguagem incisiva que atinge o calão, possui ampla relação com a postura do autor carioca professada na maioria de suas obras ao abordar o mesmo tema, destacando-se, entre essas, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Quando João Antônio trata da imprensa e de jornalistas verifica-se um dos raros momentos em que a sua veemência discursiva sugere concomitância à escrita de Lima Barreto respaldada na utilização de uma linguagem provocativa, comum a ambos:

Oh! A vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa! Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma notícia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redação oficial. Quase todos os repórteres e burocratas dos jornais desprezam a literatura e os literatos. Não os grandes nomes vitoriosos que eles veneram e acumulam de elogios; mas os pequenos, os que principiam. Estranha ignorância de quem, por intermédio dos artigos dos que sabem, copia os processos dos romancistas, as frases dos poetas e deturpa os conceitos dos historiadores, imitando-lhes o estilo com uma habilidade simiesca... (BARRETO, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 1956, p.207).

(...) em quaisquer casos, o escriba – mau escriba e bom fariseu – terá de sobreviver de sobejos, engolindo sapos. Mumunhas. Humilhado e ofendido é um ova! Comprado e vendido. Safardana e omisso. E sem utilidade pública nenhuma, diga-se. (...) Jeitoso e sabido, de um jeito ou outro, ao longo

do caminho, nem tão tortuoso, acabará escrevendo elegante e bonito, brilhoso sempre, reportagens otimistas, agradáveis e construtivas, finórias e premiadas (ANTÔNIO, “Abraçado ao meu rancor”, 1986, p.101).

Em ambas as citações se localizam um dos poucos momentos de aproximação estilística entre os dois escritores, embora a escrita de João Antônio se diferencie pela utilização de expressões populares e vocábulos de calão. Entretanto, é possível depreender que além de se tratar do mesmo tema – a falta de moralidade entre os homens da imprensa – salienta-se igual perspectiva de pensamento. Ambos vêm como fraude a publicação de textos brilhantes que ocupam as páginas dos jornais por estes serem, em grande maioria, produto de uma especulação verborrágica artificial e sem objetivo social. Ressalta-se o interesse pessoal sobressaindo como fator de origem do ofício de jornalista e, também, de igual maneira pode-se depreender um viés de acusação sobre uma estreita relação entre imprensa e poder dominante. É evidente que se a imprensa ainda apregoa valores duvidosos em João Antônio, estes já denunciados por Lima Barreto no início do século, é porque há uma esfera social interessada em sustentar essa condição artificial dos meios de comunicação.

O narrador-protagonista de “Abraçado ao meu rancor” é um jornalista que expressa suas frustrações por pertencer a essa classe profissional considerada por ele vil e sem ética. Uma das principais razões de seu desgosto é o fato de que sua origem social foi humilde, tendo vivido sua infância e juventude em bairros periféricos da cidade de São Paulo. No presente da narrativa esse personagem mora na zona sul do Rio de Janeiro e volta à sua terra natal com a obrigação de fazer a cobertura jornalística sobre o lançamento de uma campanha de turismo. Assim, necessita ir às coletivas de imprensa e o convívio com os seus pares lhe causa asco. Um dos principais desencadeadores desse sentimento é o fato de perceber como a imprensa coaduna-se com a divulgação de uma cidade ideal, criada artificialmente por uma agência de propaganda.

Essa acepção de uma cidade fantástica em contraposição à cidade real é um dos elementos que permite discernir ampla semelhança com a temática desenvolvida por Lima Barreto. Nesse sentido, percebe-se uma atualização temática executada por João Antônio que não deixa de revelar, implicitamente, aspectos de seu conhecimento, enquanto leitor, da obra e do pensamento do autor carioca. Além disso, acrescenta-se a perspectiva de valorização da margem periférica da cidade como sinônimo de humanismo, este inexistente nas altas esferas da sociedade. Delineia-se um olhar ao mesmo tempo crítico e bucólico que vê no contexto das regiões suburbanas uma paisagem amistosa e alegre, ainda que permeada pela miséria econômica e social. É o que ocorre nas freqüentes referências à população que habita o Morro da Geada.

O narrador descreve, por meio de suas reminiscências, a vida aturdida dos imigrantes pobres que saem de suas terras, geralmente nordestinos, em busca da sobrevivência na cidade-capital paulistana. Contudo, a miséria a que são obrigados a conviver quando adentram o cenário da metrópole os torna, muitas vezes, mais miseráveis do que anteriormente. A própria temperatura mais amena os faz sofrer com o frio, pois tanto não têm agasalhos e cobertas suficientes quanto moram em barracos precariamente construídos com materiais recicláveis que não os protegem da friagem. Nesse sentido, localiza-se uma interação temática com a obra de Lima Barreto, posto que este também escreveu a respeito das más condições de vida dos migrantes e imigrantes que ajudaram a erguer a cidade do Rio de Janeiro. O escritor carioca narra que esses seres contam apenas com o espaço das favelas e cortiços para habitarem (*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Numa e Ninfa*, *Triste fim de Policarpo Quaresma* entre outras).

É interessante localizar nessa captação do personagem migrado para o espaço da capital, em busca de melhores condições de vida, uma polifonia temática entre “Abraçado ao meu rancor”, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e *Crime e castigo*, de Dostoiévski. A referida obra do escritor russo foi elemento importante na formação de ambos autores brasileiros, o que pode ser verificado em seus textos e, no caso de João Antônio, também em suas entrevistas. Nas três produções observam-se protagonistas marginalizados, oriundos de cidades interioranas – à exceção do narrador do texto de João Antônio – que sofrem com as conseqüências de suas lutas em prol de seus ideais. Raskólnikov, estudante com ideais de uma humanidade fraterna, comete um duplo assassinato em busca de dinheiro para alcançar a realização de seus objetivos. Contudo, após a concretização do crime, ele não consegue ter tranqüilidade, pois se sente em dívida consigo mesmo e com os valores da sociedade. A cidade serve de cenário para intensificar sua angústia e solidão moral. Isaiás Caminha, em busca do grau de doutor, dirige-se para o Rio de Janeiro. Não consegue realizar seu sonho e depara-se com a miséria e as discriminações social e racial. A cidade lhe é hostil. Porém, ao conseguir o emprego no jornal, depara-se com o enfraquecimento de seus ideais, tornando-se engrenagem no sistema corruptível da imprensa. Caminha sofre com a perda de seus valores, mas não consegue imaginar-se voltando para a vida de miséria. Se Raskólnikov assassina duas mulheres e se perde de si mesmo, Isaiás mata a si próprio. A partir disso, a cidade não lhe é mais hostil, mas a hostilidade o consome internamente. O protagonista de “Abraçado ao meu rancor”, oriundo das classes subalternas, ao se tornar jornalista transforma-se em integrante da classe média, contudo, após anos no exercício da profissão, percebe que também se auto-excluiu e que não há possibilidade de recuperar a identidade perdida. A cidade o acusa.

Percebe-se, assim, que nestas três obras, elaboradas com recursos do estilo jornalístico, a perda da identidade do indivíduo ante as opressões sociais perfaz uma temática comum de imbricamento entre a ascensão social de indivíduos marginalizados e tragédia íntima. A cidade, enquanto cenário fundamental para a consolidação da imprensa como poder social, exerce o papel de desencadeadora do aniquilamento do indivíduo. Desse modo, apreende-se, além da explícita intertextualidade temática entre os três autores, a contingência da representação de documento social de suas épocas. A solidão e a angústia que permeiam os três personagens se modalizam de forma diferenciada em “Abraçado ao meu rancor”, mas os procedimentos formais e temáticos conservam-se. Diferentemente dos protagonistas de *Crime e castigo* e *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, jovens em busca de seus sonhos, o protagonista da obra de João Antônio não é mais jovem e calcula o saldo negativo de sua ascensão social e profissional, atitude também presente em Isaiás, que escreve suas recordações já depois de conseguir se desprender da ambiência permissiva da imprensa.

## O personagem de João Antônio alerta para que se mantenham as distâncias entre os repórteres e o universo marginalizado.

Na verdade, o protagonista do texto de João Antônio ainda não se desprende de seu ofício de jornalista, mas a idade lhe permite discernir o quanto a conquista de seus ideais o sabotou. A descrição que ele realiza das intermitências que a mudança de classe social lhe obrigou revela os valores da classe média brasileira, sempre às vistas com as preocupações de sustentar uma imagem social equivocada:

Mas da classe média você não vai escapar, seu. A armadilha é inteiriça, arapuca blindada, depois que você caiu. [...] Não respira, é ninguém. Ou melhor, é nada: você já virou coisa no sistema. E não pessoa. Dane-se! Futrique-se, meu bom, meu paspalho, pague prestação pelo resto da vida. E o carro, é preciso carro. Os donos da arapuca querem você comprando [...] A tevê vai te comandar a vida, meu chapa. A cores. E destas regras do jogo não vai escapular. Bufanear a classe média, pajear, aturar e ser como ela. Quer queira, quer não. (ANTÔNIO, op. cit, p.92-93).

Assim, apreende-se a perspectiva conjunta dos meios de comunicação e da classe dominante incutin-

do no imaginário da classe média a necessidade de ater-se aos padrões de consumo, como forma de conquistar ou conservar um lugar na sociedade. O fato de o narrador ressaltar a invisibilidade do indivíduo incluído diante da voracidade do sistema, este que estabelece um padrão de comportamento inconsciente, indica que o comando do imaginário social advém de uma esfera de poder que não aceita regras diferentes das suas. Esse comando velado é que vitimiza o protagonista de “Abraçado ao meu rancor” e a expressão de sua amargura desvenda o preço de se ter consciência sobre a realidade de sua condição: “desaprendi a pobreza dos pobres e dos merdunchos. E, já creio, aprendi a pobreza envergonhada da classe média” (p.102).

Essa frustração por pertencer a uma classe social que realiza o apagamento das raízes originais do indivíduo, logo dos seus traços de humanismo, está presente também em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Assim como o narrador do texto do autor paulistano, o protagonista barretiano também percebe que a sua inserção, ainda que frágil e pequena, na zona de inclusão, já quando se torna repórter e apreciado pelo seu chefe, o leva a desqualificar sua origem social: “os ditos [dos jornalistas] tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela” (p.245). Dentro dessa perspectiva, Isaías apesar de ainda referir-se ao seu passado, já não o deseja, pois nem mesmo preza o bom desempenho escolar, este que havia lhe proporcionado discernimento crítico e o sonho de se tornar doutor. O convívio diário com a redação de *O Globo* o faz perceber que para conquistar um espaço na imprensa deve-se dispensar o conhecimento intelectual apurado:

Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial aluno de Dona Ester que o de contínuo numa redação sagrada. Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d’*O Globo* me agradava, me dava prazer. Comecei a admirar as sentenças literárias do Floc, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e a não suportar uma leitura mais difícil, mais densa de idéias, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal. Era pesado e... (BARRETO, op. cit., p.177-8).

Diante da constatada adequação de Isaías à máquina empresarial da imprensa, percebe-se que sua complacência em relação aos textos artificiais de seus companheiros de redação demonstra a ideologia do poder dominante moldando mais uma de suas vítimas. O rapaz que teve um desempenho exemplar nos estudos agora não consegue se imaginar lendo livros,

comprometendo sua postura crítica que, em seus primeiros tempos na redação de *O Globo*, possibilitava-lhe depreender a ineficácia de se pensar a imprensa como parâmetro de legitimidade moral. Observa-se que esse posicionamento de aquiescência para com as ações dos jornalistas com quem convive, antes tão ridicularizados por ele, consolida a sua adaptação ao sistema de valores da ordem vigente. Assim, Isaías já se tornou *coisa do sistema*, conforme enfatiza o narrador-protagonista do texto de João Antônio, a respeito de si próprio.

Ressalta-se que o narrador-protagonista de “Abraçado ao meu rancor” rechaça seus colegas de profissão por constituírem uma espécie de clã onde impera a desonestidade para alcançar o sucesso profissional. Mais do que isso, ele apreende a ausência de humanidade em seus pares, aqueles laços de solidariedade que ele teve quando jovem. Assim, ao criticar o outro, dirige-se também a si mesmo. A falta de sensibilidade da sociedade, junto aos jornalistas, origina a degradação humana e a perpetuação do modelo de ordem social dividido entre os incluídos (classe dominante e jornalistas) e excluídos (prostitutas do centro de São Paulo e migrantes do Morro da Geada). O personagem de João Antônio alerta para que se mantenham as distâncias entre os repórteres e o universo marginalizado. Isso ocorre porque ele sabe que se os homens da imprensa, “bem comportados”, realizariam matérias sensacionalistas sobre a miséria brasileira, sem qualquer aprofundamento em relação ao sofrimento humano:

[...] Evitem [os jornalistas] certos tipos, certos ambientes. Evitem a fala do povo, que vocês nem sabem onde mora e como. Não reportem o povo, que ele fede. Não contem ruas, vidas, paixões violentas. Não se metam com o restolho que vocês não vêem humanidade ali. Que vocês não percebem vida ali. E vocês não sabem escrever sobre essas coisas [...]. (ANTÔNIO, op.cit, p.110).

Essa perspectiva de separação entre as zonas de exclusão e inclusão é necessária, segundo o ponto de vista do personagem, para que se preservem os poucos laços fraternos que unem as classes subalternas. Uma vez que os profissionais da imprensa não se preocupam a respeito das condições precárias de grande parte da população do país – isso está configurado na aderência à enganosa campanha de turismo – optando por consagrar uma sociedade idealizada e inexistente, não tem sentido se voltar para o mundo marginalizado apenas em busca de matérias sensacionalistas e premiadas.

Apesar dos contextos históricos de *Recordações de Isaías Caminha* e de “Abraçado ao meu rancor” serem distantes, verifica-se que a revolta contra a imprensa empresarial consolida-se de maneira comum para ambos os protagonistas. A aproximação entre prostituição e jornalismo exerce presença recorrente nas

duas produções. O final do romance de Lima Barreto atesta o diálogo do protagonista com uma prostituta e, ao conversar com ela, ele reflete sobre as frustrações de seus sonhos, o que leva a uma justaposição entre o seu ofício profissional e o de sua interlocutora. Posto que os jornalistas, ao estarem de acordo com a dinâmica de sucesso pessoal a qualquer preço, configuraram a venda de seu trabalho para quem lhes acenar com a melhor oferta, conforme atesta o narrador do texto de João Antônio:

A canalha ali coluiada de pulhas, piolhos e bonifrates [jornalistas]. Ou, mais justo, um conchavo sem a dignidade daquele mulherio que se vira na peleja das ruas, catando homem, chamando 'vem cá moreno'. Mas enfrentando a barra de cara limpa. Rancor por dentro, mas cara limpa. Jogo franco em que vendem apenas o corpo. (ANTÔNIO, op.cit., p.84).

Nessa perspectiva, ressalta-se o alinhamento ideológico entre o pensamento dos empresários e seus funcionários de redação. É o que pode ser detectado na narrativa de João Antônio posto que a aflição do protagonista decorre, entre outros fatores, do que ele observa na coletiva de imprensa. Ele constata a condescendência de toda a imprensa para com uma propaganda enganosa da cidade, que esconde a cidade real. Assim, registra-se, ainda que indiretamente, uma aquiescência entre os repórteres e seus chefes, obedientes aos ideais dos veículos onde trabalham e, pior que isso, tomam como acertados pensamentos que não são seus. A obediência aos que comandam revela a necessidade de não só participar dos eventos da imprensa como de festas oferecidas por seus chefes. Tanto o narrador de João Antônio quanto Isaías Caminha têm consciência de que isso reflete a alienação e o congraçamento entre imprensa e classe dominante. Isaías assim reflete sobre essa contingência:

No jornal, o diretor é uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens. As suas festas são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus ódios são ódios de susserano, que devem ser compartilhados por todos os vassalos, vilões ou não. (BARRETO, op. cit, p.225).

Diante dessa submissão profissional e humana, os personagens dos escritores paulistano e carioca questionam a validade de se ascender no cenário da imprensa brasileira. Não se é profissional de valor se não compactuar com a ideologia do empresário. Não se é bom jornalista se quiser registrar a realidade dos fatos que contradiga o pensamento de seus chefes. Não há como escapar. O "sorriso da sociedade" molda as ações de todos que vivem nessa ambiência, no mínimo, daqueles que querem se destacar dentro des-

se cenário. Esse artificialismo de relações incorre na proposição de que os acontecimentos divulgados pela imprensa não devem merecer crédito por parte dos leitores, pois, na maioria dos casos, as reportagens são realizadas nas próprias redações, sem a realização de qualquer movimento de aproximação com outras nuances dos acontecimentos.

Essa contingência está exposta tanto em *Recordações do escrívão Isaías Caminha* como em "Abraçado ao meu rancor". Na primeira, por exemplo, um dos momentos comprobatórios dessa situação localiza-se quando o jornalista Caxias escreve sobre a região dos subúrbios, sem nunca a ter conhecido. Demonstra-se a falta de noção espacial desse profissional que confunde, pateticamente, o nome das estações de trem. Acusa-se, assim, a reportagem de gabinete, distanciada da realidade. A mesma perspectiva encontra-se no segundo texto, ainda que de maneira mais ampla. As referências aos migrantes que habitam as favelas em contraposição à fantasiosa campanha turística representam, cabalmente, a falta de consciência dos homens da imprensa em relação aos fatos que os rodeiam. Outro aspecto que registra a não interação entre reportagem e realidade, presente no texto de João Antônio, é a degradação da cidade, ignorada não somente pelos jornalistas quanto pela sociedade. A trajetória que o protagonista realiza pelo centro da capital paulistana demonstra vários aspectos de miséria humana, social e espacial que não figuram nas páginas dos jornais.

## **O narrador de *Abraçado ao meu rancor* se mostra indignado quanto à comodidade dos jornalistas em não pensarem por si próprios.**

Muito mais importa à imprensa, conforme atestam as produções de João Antônio e Lima Barreto aqui enfocadas, voltar seu trabalho ao engrandecimento de figuras importantes da sociedade. Nesse sentido, não há espaço para o registro dos sofrimentos de personagens como Felismina, lavadeira de Isaías, nem para o louco que percorre as ruas do centro de São Paulo entoando uma velha marchinha de carnaval em "Abraçado ao meu rancor". O teor social do jornal é divulgar a importância do uso de sapatos pela população brasileira para que esta se iguale aos padrões de civilidade europeus, conforme afirmam alguns jornalistas de *O Globo* – na obra de Lima Barreto – ou destacar a gastronomia internacional da capital paulista, segundo o narrador do texto de João Antônio.

Essa nulidade social da grande imprensa é oriunda, na maioria das vezes, de uma instância discursi-

va forjada por meio de técnicas de textos falíveis, mas que, por meio de uma escrita eloqüente, conquista a adesão dos leitores em relação aos seus objetivos. Assim, sedimenta-se a perspectiva de um poder paralelo que, veladamente ou não, incute os valores sociais a serem seguidos. Isaías Caminha e o protagonista da narrativa do autor paulistano apontam alguns dos meios de elaboração textual utilizados pelo fazer jornalístico para a fabricação de suas verdades. O personagem barretiano narra que, após conquistar a posição de repórter – promoção esta que só ocorreu em razão do fato de ter presenciado seu chefe em um bordel –, adere à condição de reprodutor de pensamentos e citações alheias: “aprendi com Losque a servir-me dos outros jornais, a receber inspirações neles, a calcar os meus artigos nos que estampavam” (p.277). O narrador de “Abraçado ao meu rancor” se mostra indignado quanto à comodidade dos jornalistas em não pensarem por si próprios: “seus ventríloquos de luxo, apanhadores de notas a que xingam, importantões, com o nome estrangeiro de *releases* oficiais, bonecos de engonço. Ou punheteiros, masturbalícios” (p.111). Dessa maneira, perfaz-se a constatação de que são esses profissionais inconscientes, reprodutores de idéias dos outros, um dos responsáveis pela construção do imaginário da sociedade.

## A reverência aos valores estrangeiros é um dos temas localizados em diversos momentos da obra de Lima Barreto.

O protagonista do texto autor paulistano, enunciando suas frustrações 70 anos depois da narrativa barretiana – a primeira edição de *Recordações do escrivo Isaías Caminha* é de 1909 –, tem consciência de que, entretanto, essa postura da imprensa enquanto segmento profissional privilegiado não tem mais a significação de antes. Na verdade, ele denuncia a falência do jornalismo como profissão privilegiada. Enquanto, no início do século, conforme atesta Isaías, ser jornalista é ocupar um espaço representativo na ordem vigente, o personagem de João Antônio afirma que a imprensa enquanto poder paralelo já não existe, pois foi tragada pelos resquícios da ditadura política e pela concorrência interna entre seus próprios pares. Provável conseqüência oriunda da formalização da profissão e do estabelecimento das faculdades de jornalismo que geram, a cada ano, um número grande de novos profissionais, assim, vale a prerrogativa: “jantemos o nosso irmão antes que ele nos almoce” (p.111).

Em sua trajetória pelo centro da cidade, o narrador de “Abraçado ao meu rancor” encontra-se com um

grupo de alunas de jornalismo que está realizando uma pesquisa de campo sobre a cidade e a miséria. A postura desse narrador é inflexível, ainda que não profira oralmente seus pensamentos para as jovens, ele reflete sobre o artificialismo acadêmico que incute conceitos artificiais, distantes das realidades da profissão e da vida. Demonstra-se a postura impensada dessa nova geração que vê o submundo citadino como um “zoológico” a ser explorado sob um interesse exótico. Certamente, reflete o personagem, essas moças sentem pena do que vêem, escrevem textos piegas sobre o que pesquisam e, depois, partem para o conforto de suas casas em algum “bairro de bacanas” e, ainda assim, se sentem importantes pela profissão que escolheram (p.114).

Isaías Caminha, ao se tornar funcionário da redação de *O Globo*, também se encanta com a perspectiva de sua atuação profissional. A emoção de se sentir poderoso ante a sede de engrandecimento que margeia a mente e as ações humanas confere-lhe um sentimento de superioridade. O jovem que, em seus primeiros dias no Rio de Janeiro registrava sua indiferença com seu próprio destino, agora valoriza a vida:

Nos meus primeiros meses de reportagem foi quando amei mais ativamente a vida. Não porque me visse adulado pelos almirantes e capitães-de-mar-e-guerra, mas porque senti bem a variedade onímoda da existência, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das coisas e o seu fácil deslizar para os extremos mais opostos. Dois meses antes era simples contínuo, limpava mesas, ia a recado de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade (BARRETO, op.cit, p.273).

Essa transformação pela qual passa Isaías demonstra, ao mesmo tempo, sua perspicácia em depreender os valores que transitam nos bastidores da imprensa e a modificação pessoal que opera em si mesmo a partir do momento em que adere às suas engrenagens. Em vários momentos do romance barretiano, registra-se a redação de *O Globo* como um local de intenso trânsito de pessoas buscando ascender ou garantir o *status* social por meio das folhas dos jornais. São literatos, reconhecidos socialmente, buscando a homenagem pública de suas obras ou conferências, homens do governo desejosos de serem laureados por suas funções no poder, cantores ou atrizes em busca da fama etc.

Em “Abraçado ao meu rancor”, essa luta pela fama tem seu enfoque modificado. O narrador enfatiza os jornalistas como um grupo que busca conseguir o reconhecimento de seu trabalho por meio de relações duvidosas com autoridades ou personalidades sociais. Destaca-se que as premiações da imprensa são baseadas em indicações e apadrinhamentos, sem uma direta relação com a qualidade do trabalho dos profissionais. A formação de facções em prol de deter-

minados objetivos pessoais é atestada por meio de suas críticas aos profissionais que se rendem aos encantos da vida moldada pelos padrões de sociabilidade equivocados: “vão rabiscar sua badalhocas fedorentas e colher apoio das panelinhas. Vão fazer suas mexidas e manobrar, se enfiem nos botequins da moda, que nem a dignidade dos botequins têm” (p.110).

Outro aspecto que ressalta a inter-relação entre *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e “Abraçado ao meu rancor” sedimenta-se na recuperação da memória histórica da cidade. Esse tema, constantemente referendado na escrita de Lima Barreto, apresenta-se no romance em destaque sob a perspectiva de descrições pormenorizadas das ruas, bairros, meios de transportes, teatros, edifícios e casas das autoridades, periferia urbana, prostituição, força militar e, é claro, da representação dos bastidores de uma redação de jornal. Dessa maneira, a narrativa barretiana desvenda, além de considerações sociais e políticas, o Rio de Janeiro do início do século XX, em suas particularidades espaciais e históricas. Um fato representativo dessa condição está no enfoque à modernização da cidade, o denominado “bota-abaixo”, que gerou a modernização radical da cidade obrigando os marginalizados e negros a habitarem as favelas e demais espaços da periferia citadina. Isaías Caminha aponta a estreita relação entre os homens da imprensa e a proposta de modernização da cidade. Denuncia-se a incoerência dessa proposição em tornar a capital fluminense uma cópia de cidades européias e os interesses dos proprietários em obter altos lucros com a indenização de seus imóveis e, também, os jornalistas que são gratificados por defender esses interesses:

Aires d’Ávila chegou mesmo a escrever um artigo, mostrando a necessidade de ruas largas para diminuir a prostituição e o crime e desenvolver a inteligência nacional. E os da frente, os cinco mil de cima, esforçavam-se por obter as medidas legislativas favoráveis à transformação da cidade e ao enriquecimento dos patrimônios respectivos com indenizações fabulosas e especulações sobre terrenos. Os *Haussmanns* pululavam. Projeta-vam-se avenidas; abriam-se nas plantas *squares*, delineavam-se palácios, e, como complemento, queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca: cocheiros irrepreensíveis, engraxates de libré, criadas louras, de olhos azuis, com o uniforme como se viam nos jornais de moda da Inglaterra. (BARRETO, op.cit, p.204-5).

Por meio de um ponto de vista irônico, Isaías denuncia a adesão de jornalistas à idéia de reestruturação da cidade com vistas a adequar a capital federal aos costumes estrangeiros almejados pela elite brasileira. A reverência aos valores estrangeiros é um dos temas localizados em diversos momentos da obra de Lima Barreto. Ao mesmo tempo em que o escritor questiona a desvalorização do patrimônio histórico

em favor de padrões culturais e urbanos de outros países, denuncia a opressão sofrida pelas classes subalternas, via agentes desse progresso inconsciente. Conforme atesta a citação, os dirigentes, junto à elite, têm como critério de beleza humana o padrão europeu de pele branca e olhos azuis. Enquanto grande parte da população brasileira é negra ou mestiça e, além de tudo, pobre, logo, sem qualquer capacidade de interagir ativamente com esses novos padrões de “civildade”, aqueles ambicionam alcançar os padrões de respeitabilidade internacional ignorando a realidade étnica da nação.

Essa invasão e desejo de copiar padrões culturais e sociais estrangeiros é um tema presente em “Abraçado ao meu rancor” e em várias outras produções de João Antônio. O narrador-protagonista da narrativa do autor paulistano ao percorrer o centro de São Paulo acusa a devastação do passado histórico da cidade em favor do modelo norte-americano. O personagem lamenta, por exemplo, a extinção da madeira dos bares pela fórmica, das lâmpadas pelo *neon*, das garafas pelas latas de cerveja, dos tecidos das toalhas de mesa dos bares por plástico, entre outros elementos. No mesmo sentido, aponta-se a modificação do comportamento das pessoas que, em razão da modernização dos costumes, não têm tempo para conversar e interagir com a cidade e demais habitantes onde vivem. A perda do humanismo está solidificada.

É interessante ressaltar, ainda sobre a questão memorialística, que “Abraçado ao meu rancor” apresenta também a recuperação de aspectos culturais da cidade que não estão presentes em *Recordações de Isaías Caminha*, o que certamente se deve ao fato de se tratar de momentos históricos diversos. É o caso das referências ao samba, tango, marchinha de carnaval (*Você conhece o pedreiro Waldemar?*), cinema (Buñuel e Bergman), e a famosos salões de jogos da década de 60 (Martinelli e Maravilhoso). Num movimento diverso ao da obra barretiana, de ficcionalização de figuras representativas da imprensa de sua época, o protagonista do texto de João Antônio rememora figuras símbolos da cidade de São Paulo para expressar o quanto a sua urbe da juventude foi perdida ao referir-se, por exemplo, a Lincoln e Carne Frita (famosos jogadores de sinuca), Germano Mathias (sambista), Sérgio Milliet (crítico de arte e literatura) e Pagano Sobrinho (ator).

Outro aspecto importante a ser destacado entre o texto de João Antônio e o romance de Lima Barreto é a aproximação estilística. Conforme já aludido, essas duas produções revelam aproximação lingüística singular do autor paulistano em relação ao escritor carioca. A utilização de enumerações, como recurso de ênfase e intensidade, é um elemento presente nas duas produções:

Por essa hora, têm [os cafés] uma freguesia apresada e especial. Noctívagos, vagabundos, operários, jogadores, empregados em jornais (...). (BARRETO, op. cit., p.126).

Havia a poeira de garotos e moleques; havia o vagabundo, o desordeiro profissional, o pequeno burguês, empregado, caixeiro e estudantes; havia emissários de políticos descontentes. Todos se misturavam (...). (BARRETO, op. cit, p.249)

Bobείο. Entre engraxates, esmoleiros, policiais, gente empaletozada, poucas falas, tristes, expedienteiros, homossexuais, executivos apressados, brilhosos em seus ternos e pastas; muitas, as classes, passo. (ANTÔNIO, op. cit, p.105).

Ressalta-se que, além da utilização do mesmo recurso lingüístico, os enfoques temáticos também se correlacionam. É interessante verificar como ambos os escritores usam a enumeração para se referir ao movimento da cidade e destacar a existência de marginalizados sociais nessa ambiência. Revela-se a apreensão da realidade da massa obscura de indivíduos que não aparecem nas páginas dos jornais, o que caracteriza o olhar peculiar dos dois autores no levantamento das particularidades da cidade. Ao mesmo tempo, desvenda-se a valorização que esses dois autores fazem, trazendo para o cenário das letras, seres que não costumam figurar na literatura ou na imprensa.

Outro aspecto que revela aproximação estilística entre o texto de João Antônio e o romance de Lima Barreto é o emprego do diminutivo como recurso formal para expressar ironia. Isaías Caminha, por exemplo, refere-se aos literatos admirados pelo crítico literário Floc como “bem-nascidos, limpinhos e candidatos à diplomacia” e ainda acrescenta que as noções deste crítico são “elegantes, branquinhas e limpinhas” (p.183). Em alguns momentos de “Abraçado ao meu rancor” verifica-se a utilização de diminutivos para representar a ilusão de competência que os jornalistas procuram nutrir, mas o narrador utiliza vocábulos que, ao mesmo tempo em que acusa a mediocridade da vida na imprensa, também atestam a situação de opressão vivida nessa esfera profissional. Os homens da imprensa levam uma “vidinha” (p.91); estão submetidos a condições de trabalho que os mantêm “argoladinhos, puxados pelo nariz” (p.112). As jovens estudantes de jornalismo sentem-se “amiguinhas do povo” (p.114).

Um aspecto que atesta a vinculação entre jornalismo e literatura em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* são as descrições do espaço urbano e dos habitantes que circulam pelas ruas. É característica do jornalismo a busca de fatos no cotidiano emergente para compor a substância das matérias e artigos. Na ambiência citadina encontram-se os rumos de uma sociedade e o narrador do romance utiliza, em grande medida, de descrições desta como forma de questionar os lugares sociais estabelecidos. Diferentemente da literatura da época, que priorizava a valorização do ambiente das casas burguesas ou o espaço de diversão da elite, teatro, cafés de requinte e palácios do poder público, Lima Barreto estabelece como

gênese para sua criação artística as ruas do Rio de Janeiro.

Ao percorrer as ruas da cidade, Isaías observa as discussões sobre política, as frivolidades das senhoras da alta sociedade, o desfile da força armada, a prostituição como forma de sobrevivência, as condições precárias de muitos habitantes, a falta de espaço para a ascensão social do negro, a emergência do jornal enquanto formador de opinião entre vários outros fatores. Nessa medida, percebe-se que onde a imprensa levanta o material para a composição dos jornais é o mesmo lugar onde o escritor carioca busca elementos para sua composição literária.

Além disso, um outro fator que aponta a relação entre literatura e jornalismo na obra em questão sedimenta-se na instauração do papel de protagonista a um personagem mulato. Uma das características do jornalismo é a composição de perfis de pessoas diferentes do meio social, pois isso desperta a atenção de leitores em tomar conhecimento de seres ou acontecimentos não adequados à ordem vigente. Ao mesmo tempo em que se diferencia dos protagonistas preferenciais da literatura da época (dramas da alta sociedade, formas efêmeras e linguagem rebuscada) Lima Barreto coloca em questão as diretrizes da sociedade e inova por trazer à cena literária um personagem representativo da marginalização social brasileira.

Algumas características da escrita jornalística em “Abraçado ao meu rancor” são a descrição pormenorizada das ruas do centro da cidade e a alusão a bairros periféricos atuando como manifestação do fazer jornalístico no que condiz à informação espacial dos acontecimentos. A estrutura formal da apresentação do texto, sob a forma de fragmentos em que se abordam diferentes temas, também é um dos fatores que revelam a formatação jornalística consignada na abordagem de diversos assuntos em suas publicações. Ainda que nesse contexto fragmentário dessa narrativa ateste-se a recorrência ao mesmo tema, em fragmentos diferentes, tal aspecto não apaga sua correlação formal com o jornalismo. Entretanto, um dos momentos em que se registra de modo mais explícito a presença da interação entre o jornalismo e a literatura ocorre quando o protagonista observa as manchetes dos jornais (p.131), citando diretamente algumas delas. Por fim, os folhetos publicitários, citados em vários momentos da narrativa, também atestam uma formatação discursiva da linguagem publicitária que, em muitos casos, se alinha às condições de produção textual da imprensa.

Por fim, é interessante ressaltar a correlação presente também no título das duas obras e seus temas. Isaías, ao final do romance e em alguns outros momentos, lamenta a sua condição de adaptação à realidade promíscua da imprensa. É possível observar que suas reflexões possuem grande carga de desilusão íntima: “sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um

outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal” (p.288).

É justamente essa descrença e revolta consigo mesmo, por conta da profissão, que remonta a um dos principais enfoques de “Abraçado ao meu rancor”. Conforme foi dito anteriormente, a desilusão, a fragmentação do indivíduo e a falta de lugar é um dos temas centrais da narrativa de João Antônio:

Esta profissão não presta. Com o tempo, você vai empurrando a coisa com a barriga, meio pesadão. Sem qualquer alegria, garra ou crença, cutucado pela necessidade de sobrevivência. Apenas. O pior, se existe um, é que esta ocupação sovina e instável acaba como atraindo azares, vícios, mortificações e levantando desejos de destruição, pespegando sentimentos culposos. (ANTÔNIO, op. cit., p.81).

Assim como Lima Barreto, João Antônio apresenta um panorama do sofrimento de seu protagonista em relação à ascensão social do homem oriundo da zona de exclusão e a condição de emparelhamento entre imprensa e máscara social. A cidade é elemento intensificador da via-sacra desses personagens, exercendo o papel de inquiridora em ambas as obras. Ao contemplar o movimento da urbe, eles se lembram de quem foram e constataam a própria perda de identidade social e humana. Além disso, o mesmo viés biográfico dos dois escritores em relação ao difícil convívio com os bastidores da imprensa também modaliza a fragmentação dos personagens de ambos. Dessa maneira, pode-se compreender, num sentido metafórico, que assim como as recordações de Lima Barreto demonstram o rancor de Isaías, “Abraçado ao meu rancor” apresenta as recordações de um leitor de Lima Barreto, e o seu coincidente rancor.

A exposição de alguns aspectos formais e temáticos que revelam a existência de inter-relações entre “Abraçado ao meu rancor” e *Recordações do escrivoão Isaías Caminha* permite apreender aspectos de João Antônio como leitor de Lima Barreto. Conforme pôde ser observado, a intenção de apresentar correlações entre as duas produções não se fundamenta na direta asserção de que o autor paulistano tenha se baseado na sua leitura do romance do escritor carioca, tomando-o como fonte única de inspiração para elaborar seu texto. Pelo contrário, o que se demonstrou é a existência de um diálogo composicional entre literaturas geradas em tempos, espaços e contextos sociais diferentes, mas que mantêm um posicionamento crítico que possui aproximações e diferenças entre si.

Lima Barreto foi o primeiro escritor brasileiro que tematizou no espaço romanesco os bastidores da imprensa. Ao ater-se a representar um perfil pormenorizado da redação do jornal *O Globo*, ele une o espaço literário ao jornalístico e, por meio do que aqui foi exposto, demonstra as possibilidades que essa inter-relação oferece para a elaboração ficcional. A aproximação

com os fatos da época, a representação dos mecanismos textuais utilizados pela imprensa para sustentar sua aura de imparcialidade e, principalmente, o desvelamento das relações diretas entre imprensa e classe dominante são elementos que permitem localizar *Recordações do escrivoão Isaías Caminha* como obra de fundamento crítico e historiográfico e, com isso, pode ser considerada uma das produções pioneiras na composição da história do moderno jornalismo brasileiro.

“Abraçado ao meu rancor”, ainda que possua algumas diferenças temáticas e composicionais diversas às do romance barretiano, contém correlações significativas com a abordagem que o escritor carioca faz sobre jornalismo, imprensa, cidade e marginalização social. Assim como Isaías Caminha narra no decorrer de suas memórias que não coaduna com a política da linha de produção jornalística, o protagonista do texto de João Antônio também registra sua insatisfação utilizando o recurso do memorialismo para representar seu desabafo. Ambos os protagonistas têm estreita relações com o universo de marginalização social brasileiro e suas sagas convergem no mesmo ponto crucial da força opressora da classe dominante no comando das diretrizes sociais do país. A ascensão social de indivíduos de origem subalterna, opressora e hostil, também é uma questão que percorre a essência das duas narrativas, demonstrando a descaracterização dos laços humanos e a anuência obrigatória a um padrão ideológico de submissão e apagamento da identidade anterior. Essa massificação atesta o indivíduo fragmentado, dissolvido na solidão da então nascente modernidade cidadina em Lima Barreto e, em João Antônio, esta surge com os saldos negativos de sua consolidação.

Essas características confluentes não podem ser ignoradas quando se pensa em João Antônio como professor admirador da obra e do pensamento de Lima Barreto. ■FAMECOS

#### BIBLIOGRAFIA

- ANTÔNIO, J. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BARRETO, L. *Recordações do escrivoão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.